

## Resenha do livro “Vida e morte do grande sistema escolar americano”, de Diane Ravitch

Fernanda Gonçalves Doro (\*)



**RAVITCH, Diane. *Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação*. Tradução de Marcelo Duarte. Porto Alegre: Sulina, 2011.**

A obra escrita por Diane Ravitch faz uma análise do projeto educacional dos Estados Unidos da América a partir da visão da autora que teve participação atuante nesse processo. Diane Ravitch é pesquisadora da Universidade de Nova York, tendo assumido o cargo de secretária adjunta da Secretaria Nacional de Educação do governo George H. W. Bush (1989-1993), mesmo sendo filiada ao Partido Democrata. Ela foi também conselheira nos governos de Bill Clinton e de George W. Bush. Envolveu-se nas reformas educacionais da década de 1990 e início de 2000, como no *Child Left Behind* (Nenhuma Criança Fica para Trás), que se baseava na escolha da escola por parte das famílias, sendo custeadas pelas subvenções públicas oferecidas pelo Estado. Ao se desligar dos programas de governo em 2006, tornou-se crítica das políticas educacionais norte-americanas, acabando por denunciar suas distorções, inconsistências e profunda carga ideológica.

Ravitch descreve com propriedade as estratégias utilizadas pelas autoridades em busca da qualidade na educação, narrando as experiências de reformas escolares e a busca

---

(\*) Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP); mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis; especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estácio de Sá; especialista em Educação Infantil

por resultados nos rankings dos testes avaliativos externos. As principais reformas escolares ocorridas no período narrado aconteceram no Distrito Escolar Comunitário 2, cidades de Nova York e San Diego. A autora destaca, também, a parceria do sistema de educação com grandes corporações como a Fundação Gate, Fundação Broad e Família Walton.

Segundo Diane Ravitch, o Distrito Escolar Comunitário 2 na cidade de Nova York ficou conhecido pela reforma promovida pelo superintendente do distrito Tony Alvarado, por meio de um programa de leitura chamado Letramento Balanceado.

Nesse programa, a maior parte do tempo em que o estudante permanecia na escola era utilizada para as atividades de leitura, sendo empregadas várias metodologias nessas atividades: a leitura compartilhada, leitura guiada, leitura independente, estudo de palavras, escrita e leitura em voz alta. O professor desempenhava a função de facilitador, conferindo o trabalho dos estudantes, e cada classe de estudantes tinha sua própria biblioteca, com livros de diferentes níveis de leitura. Nesse contexto, a função do diretor não era somente de administrador do prédio escolar, mas também de desenvolvedor de uma rotina diária na escola, devendo, ainda, participar, mensalmente, de uma conferência em horário integral sobre o ensino.

A autora e historiadora Diane Ravitch aponta a reforma de San Diego, no período de 1998 a 2005 como uma experiência insensata e deficiente. Nesse período, o conselho escolar de San Diego contratou como superintendente Alan Bersin, um antigo procurador público que não possuía nenhuma experiência em educação. Grandes fundações como Gates, Hewlett, Carnegie Corporation de Nova York e Broad cederam milhões de dólares para apoiar a reforma. Bersin, inspirado na reforma do Distrito 2, convidou Alvarado para juntar-se a ele em San Diego numa iniciativa radical de reconstrução do sistema educativo. Tentando criar um exemplo nacional de superintendência, não pouparam esforços para a montagem de um sistema exigente e truculento, introduzindo mudanças em todas as salas de aula, disciplinando professores resistentes, demitindo diretores relutantes.

O método adotado para aumentar o nível nos testes foi mesmo utilizado no Distrito 2: Letramento Balanceado. Durante sua estada na superintendência de San Diego,

---

pela Universidade Federal de Juiz de Fora; graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá.

Bersin substituiu 90% dos diretores. Cerca da metade dos professores e dois terços dos diretores deixaram o distrito, aposentando-se ou transferindo-se para outras localidades. Bersin anunciou sua renúncia em janeiro de 2005, dois anos após a retirada de Alvarado do projeto, e após a eleição do conselho escolar em 2004, na qual perdeu apoio, o roteiro chegou ao fim. O novo conselho dispensou os treinadores, suspendeu a maior parte das atividades de desenvolvimento profissional, substituindo Bersin por Carl Cohn, um respeitado educador que havia liderado as escolas de Long Beach, Califórnia, e voltara da aposentadoria para cuidar das escolas de San Diego.

A reforma educacional da cidade de Nova York teve início na primeira década do século XXI, quando o prefeito Michael Bloomberg e seu secretário, Joel Klein, inspirados em princípios empresariais, tornaram a cidade, com uma população de 1,1 milhão de crianças, o campo de testes nacional para as reformas baseadas no mercado. A reforma que recebeu aclamações nacionais e até mesmo internacionais, reorganizou a administração das escolas, lutou contra sindicatos de professores, aumentou os salários de professores e diretores, fragmentou escolas de ensino médio em escolas menores, atribuiu uma nota a cada escola, fechando dezenas de escolas de baixa performance, institucionalizou a ideia de escolha e competição escolar.

Com praticamente nenhuma experiência na área de educação, Klein buscou orientação com Alan Bersin e adotou a mesma estratégia daquele que controlou a educação em San Diego. O Letramento Balanceado era a única metodologia permitida nas escolas para o trabalho com leitura. Em quatro anos, Bloomberg fez três reorganizações do sistema escolar de grandes proporções sem nenhuma discussão prévia nem revisão pública. Todas eram implantadas conforme eram ditadas pelo governo da cidade.

Em 2007, foram abertas mais de 50 escolas autônomas que eram administradas privadamente, mas recebiam financiamento público. Essas instituições possuíam turmas pequenas e concentravam muitos recursos, principalmente as que possuíam patrocinadores filantrópicos. A maior parte delas era localizada em bairros de baixa renda, acolhendo somente os estudantes de maior desempenho nos testes.

Outra medida radical tomada por Klein foi a substituição de mais de 20 escolas de ensino médio por 200 pequenas escolas, porém, as pequenas escolas não ofereciam

vagas suficientes para atender a todos os alunos e as escolas grandes de ensino médio passaram a ter uma superlotação, o que comprometeu ainda mais a qualidade do ensino.

Em janeiro de 2001, George W. Bush tomou posse na presidência dos Estados Unidos e após três dias anunciou a implantação do Programa Nenhuma Criança Fica para Trás (NLCB). Um ano depois, o presidente transformou o NCLB em lei, mudando a natureza das escolas públicas do país, utilizando os testes padronizados, como a principal forma de avaliar a qualidade da educação escolar. As escolas que falhassem nos testes por cinco anos consecutivos deveriam ser reestruturadas. A reestruturação incluía conversão da escola em uma instituição autônoma; substituição do diretor e a equipe de profissionais; abdicação do controle para um administrador privado; concessão do controle da escola para o Estado; ou “qualquer outra grande reestruturação da governança escolar” (RAVICHT, 2011, p. 118).

As escolas autônomas proliferaram nos distritos urbanos, onde a performance acadêmica era mais baixa. Essas escolas eram mantidas com verba pública, porém, dirigidas por entidades privadas. Elas competiam com as escolas públicas regulares e libertavam os estudantes do controle regulatório do distrito escolar. Além disso, incluíam escolas que eram focadas em culturas específicas, como afrocêtricas, gregas, indígenas, hebraicas ou árabes, como uma forma de segregar ainda mais etnias e culturas. Algumas escolas autônomas eram operadas por administradores incompetentes que recolhiam dinheiro público e ofereciam uma educação de péssima qualidade.

A Fundação da Família Walton investiu massivamente na educação americana. Em 2007, concedeu 82 milhões de dólares para as escolas autônomas, 26 milhões de dólares para programas de escolha escolar e mais 8 milhões para atividades de reforma escolar no Arkansas e no Mississippi.

Já a iniciativa Gates, começou quando o movimento pelas pequenas escolas se tornou a vanguarda da reforma escolar nos distritos urbanos e a crença de que seriam a cura para o sistema de educação. Acreditando que pequenas instituições resolveriam parte dos problemas da educação, Gates injetou 2 bilhões de dólares entre 2000 e 2008 na campanha de reestruturação das escolas de Ensino Médio americanas. O seu financiamento atingiu 2.600 escolas em 45 Estados e no Distrito de Colúmbia. Insatisfeita com os resultados dos testes avaliativos, a Fundação Gates interrompeu as doações para

suas pequenas escolas e aumentou o financiamento para trabalhos publicitários, aumentando as doações para grupos Lobistas.

A Fundação Broad investiu em Oakland, Califórnia pautada na ideia de que os sistemas escolares deveriam ser administrados como empresas do setor privado, dando ênfase à competição, escolha escolar, desregulamentação e administração firme. Incentivos e sanções deveriam ser utilizados, pois melhorariam a performance das escolas. Líderes e diretores não precisariam ser educadores, mas sim bons administradores.

No capítulo final, Ravitch assinala que o sistema educacional americano estaria fragilizado e que necessitava de mudanças efetivas urgentes. As políticas da época narrada, segundo a historiadora, não foram capazes de elevar a qualidade da educação nas escolas. Assim, seria preciso um forte currículo, professores experientes, ensino efetivo, estudantes motivados, recursos adequados e uma comunidade que valorizasse a educação.

Afirmando que o objetivo da educação vai muito além da produção de altos escores, a autora defende a educação de forma integral em que os estudantes desenvolvam além de conceitos científicos, o lado humano, artístico, físico e cultural. Outro fator importante observado na obra é a valorização da realidade da criança que deveria ser levada em conta na relação com o seu desempenho nas escolas. Muitos estudantes necessitam de recursos extras, como cuidados pré-escolares e médicos e as comunidades mais carentes investimentos sociais para que possam concorrer com estudantes das classes mais elevadas que possuem diversos recursos à disposição.

Ravitch não é contra a testagem dos alunos, mas compreende que eles não são suficientes para mensurar o aprendizado dos estudantes. Para ela, as escolas que não apresentam resultados satisfatórios devem ser acompanhadas, receber investimentos e serem reorganizadas internamente. Dessa forma, ampliar as discussões sobre a educação se faz urgente, pois as escolas americanas estão perdendo a identidade como agente de formação do cidadão.

A partir da narrativa de Diane Ravitch, é possível perceber o quanto os ideais neoliberais estão enraizados dentro da estrutura educacional dos Estados Unidos. A política de competitividade e produtividade já consolidada na sociedade americana marca seu lugar no âmbito educacional. Não existe uma preocupação maior com a aquisição de

qualidade na educação, mas sim com o estigma de ocupar as primeiras colocações nos testes de avaliação nacionais e internacionais.

Ao que parece, todo o sistema público escolar dos estados está voltado para os testes de avaliação. Não existe um currículo a ser seguido dentro das escolas que garanta o aprendizado mínimo de conteúdos, muito menos que valorize o desenvolvimento humano, artístico e cultural. O que se observa é uma verdadeira obsessão por escores, tanto no âmbito interno, como externo, pois altos índices de educação de uma cidade ou estado resultam em maior confiabilidade de empresas privadas para investimentos. Dessa forma, a educação não é pensada para elevar o nível social das populações, mas sim para garantir o lucro por meio de investimentos do mercado.

Ao final dessa resenha, deixamos claro o quão perigoso é tomar como exemplo as políticas educacionais e econômicas dos Estados Unidos. O sistema de educação norte-americano é controlado pelo mercado e não visa formar o cidadão de forma integral, com capacidade de analisar a realidade, criticá-la e agir em prol da sua comunidade. Os números não são capazes de revelar a qualidade no ensino, pois os testes não são apropriados para avaliar o conhecimento do aluno produzido em um ano. Os testes não levam em consideração a subjetividade dos alunos nem o contexto em que estão inseridos ou o tipo de formação a que os alunos estão sujeitos.

Dessa forma, concluímos que a educação pautada nos princípios da democracia, em que os objetivos visam a formação de sujeitos críticos, capazes de transformar a sociedade a partir dos princípios de liberdade e justiça, não combina com a ideologia mercadológica cultivada no país.

***Recebido em: 30/01/2023.***

***Aceito em: 07/02/2023.***